

andré boniatti

AMO-TE A PONTO DE MATAR

**Primeira Edição, do autor
2011**

A aquisição desta obra escrita não representa sua liberação para encená-la, teatralizá-la, fragmentá-la ou usá-la de qualquer forma em palco, como montagem de qualquer espécie, performance ou outros, não sendo permitido o seu uso ainda em meios midiáticos, vídeos ou filmagens diversas, como cinematográficas, ou como meio de divulgação ou promoção; sendo vedado assim qualquer uso externo à leitura da mesma, a não ser mediante devida autorização do autor. Qualquer infração nesse sentido será julgada e penalizada conforme as Leis e os Direitos que a protegem.

Para quaisquer assuntos nesse sentido, fale diretamente com o autor em zeforis@hotmail.com.

PERSONAGENS:

**TESEU
JULIANO
ELIANDRA
MOISÉS
RODRIGO
DR. OLEGÁRIO
ENFERMEIRAS 2
ENFERMEIROS
PALHAÇOS 2
PINTOR
DRAMATURGA
POETA
ARTISTA 1 e 2
ASSASSINO
MENININHA (da cantiga para o desfecho de Moisés)
CAMAREIRA
OUTROS**

Cena I

O palco traz uma cama de casal ao centro, posta em lençóis amarelos, um bidê de cada lado, e é decorado com vóus brancos dispersos. Abre-se a cortina, quando Teseu e Juliano estão em pé à frente da cama num demorado beijo de língua. Abandonam-se num repente.

JULIANO: O último beijo tem o gosto da morte. Nunca experimentei a morte, no entanto sinto o gosto dela comprimido em minha boca.

TESEU: Não é a morte, Juliano, a morte não, homem. É só... é só o presságio, o triste presságio da nossa saudade inevitável... é isso que tu sente, e eu também sinto.

JULIANO: É a morte. É a morte sim. Como quando sinto o gosto de tuas balas de cereja, agora sinto a morte.

TESEU: Me beija!

JULIANO: Não! Não. Para quê? Para então que me separe de teu beijo de uma vez?!

TESEU: Sabe que eu te amo...

JULIANO: Então não vai!

TESEU: Eu não posso. Tu sabe que eu não posso. É a oportunidade que tenho de mostrar o meu trabalho. Quero construir meu nome, ser um grande arquiteto, o maior se possível, e você se orgulhará de mim, mas pra isso — tenho de ir... é minha carreira...

JULIANO: Tua carreira... Tua carreira vem antes do teu amor?

TESEU: Não vem.

JULIANO: Então não vai!

TESEU: Juliano... O verdadeiro amor, ele espera...

JULIANO: Espera!... Todos os dias eu te espero, mas eu sei que tu vem... às vez tu demora, mas eu sei que tu vem...

TESEU: Então me espera, me espera com a mesma certeza que tu tem todos os dias, me espera, que eu venho, eu venho como um cego, não tropeço e não me perco, que o meu fim é tu só, homem...

JULIANO: O teu fim?... O teu fim... Ainda sinto o gosto da morte em minha boca.

TESEU: Porque tu sabe que só a morte nos separa.

JULIANO: Então morre comigo! Se tu morre comigo a gente não separa, a gente morre junto. Morre comigo!

TESEU: Juliano... A morte é o fim de tudo...

JULIANO: Não é, que o amor é eterno... Morre comigo e dividimos a mesma sepultura, e os ossos de nosso corpo, eles dormirão juntos pra sempre... Deixamos uma carta que queremos um só túmulo, uma só lápide,

uma só epígrafe: “Amaram-se a ponto de morrer.”
Morre comigo, Teseu, morre!

TESEU: Dividiremos a mesma cama, não a mesma morte.

JULIANO: Eu te odeio!

TESEU: Tu me ama.

JULIANO: Eu te odeio, Teseu. Esqueça que eu te amei um dia, porque eu te odeio.

TESEU: Cara, não complica tudo...

JULIANO: Tu me esquece! Se a morte nos separa, tu me esquece, porque tu morre aqui, pra mim tu morre aqui!

TESEU: Não minta pra ti mesmo!

JULIANO: Então morre comigo!

TESEU: Não posso.

JULIANO: Porque não ama. Se amasse morria.

TESEU: Não me peça o absurdo!

JULIANO: Então vai, vai e não volta mais, porque um dia tu vai voltar, mas eu... eu não estarei aqui.

TESEU: Me beija!

JULIANO: Não! Beijar para esquecer?...

TESEU: Eu não te esqueço nunca...

JULIANO: Mas vai embora.

TESEU: Mas te levo.

JULIANO: Leva o quê? Uma lembrança? Não quero ser uma lembrança, eu quero você, ou tu me esquece!

TESEU: São alguns anos, até eu arranjar minha vida, depois...

JULIANO: Depois? Eu não te quero pra depois.

TESEU (*irritado*): Eu não posso fazer nada! É a minha vida! Tu sabe que a vida exige encontros e separações.

JULIANO: Então é isso: separação? Então vai, vai e faz tua vidinha medíocre, mas esquece de mim, pra sempre.

TESEU: Não tem diálogo contigo, Juliano, não adianta... Eu tenho de ir, bem cedo amanhã eu embarco... (*vira-se para sair*) Um último beijo...

JULIANO: Nenhum. Tu não faz mais parte da minha vida. Vai embora!

TESEU: Eu te amo, Juliano. Até à morte eu te amo, Juliano. Todo dia, até que eu volte, todo dia eu te amarei, todo dia coa saudade certa de que tu é pra onde eu vou, e

mais ninguém. Eu te amo, Juliano. E eu volto. Nem que seja só te ver. Só te amar. ...Um último beijo?

Responde dando as costas. Sai. Juliano começa a chorar desconsolado, senta na cama chorando.

JULIANO: Espero. Espero que eu não tenho outra saída. Eu espero a eternidade, eu espero. Maldito! Esta cama em que deitávamos, o teu corpo sobre o meu... por que era eterno tudo isso pra que um dia se acabasse? Pra que me aprisionava entre os teus braços pra depois, eu como um lixo, um copo descartável em que o vinho se acabasse?... A minha vida era a tua vida, agora a vida... se me acaba... Só penso em morrer. Morrer... *(Ele reflete um minuto, e num súbito vai até um dos bidês, revira a gaveta e dali tira uma lâmina de gilete)* Corto fundo os meus pulsos e ninguém há de encontrar-me, não até que eu morra... Não até que eu morra. *(Corta os pulsos então deitando-se na cama)* Agora eu durmo, mas o meu amor é eterno, o meu amor é maior que Deus, é maior que tudo.

Quando as últimas falas, remexe na cama voltando-se aos pés dela, deitando-se contrário à cabeceira, e dorme.

Cena II

Música techno. Entram duas enfermeiras, uma de cada lado das coxias, entram dançando alguma coreografia qualquer. Têm roupas sensuais, como a um tipo estereotipado. Dançam. Finda a coreografia. Elas vão até à cama e examinam a Juliano.

ENFERMEIRA 1: O doente é terminal. É doença de amor.

ENFERMEIRA 2: Chame o médico com urgência.

ENFERMEIRA 1: O doutor Maurílio foi almoçar.

ENFERMEIRA 2: O Olegário, o Olegário é bom nesses assuntos.

ENFERMEIRA 1: Sim, chamo o Olegário: *(como ao microfone)* Dr. Olegário, dirija-se à sala de cirurgias 0696 com urgência. Dr. Olegário...

Entra Dr. Olegário num repente e metodicamente como médico.

DR. OLEGÁRIO: Sim, sim! O que temos aqui?

ENFERMEIRA 1: Através de exames minuciosos sobre o paciente, concluímos que foi acatado mortalmente de doença de amor agudo, com falência múltipla da razão.

DR. OLEGÁRIO: E o coração?

ENFERMEIRA 2: Coração partido, dr., é preciso um transplante.

ENFERMEIRA 1: Também está cego, dr.

DR. OLEGÁRIO: Insuficiência existencial?

ENFERMEIRA 2: Sim, dr., correto.

DR. OLEGÁRIO: Temos de operá-lo urgentemente. Preparem tudo para uma operação generalizada da consciência obsessiva apoplética concupiscenciosa.

ENFERMEIRA 2: Sim, dr., para já.

A enfermeira 2 busca fora do palco os instrumentos cirúrgicos numa bandeja, numa dessas mesinhas com rodinhas. Dr. Olegário senta sobre o Juliano para operar-lhe. Abre-lhe a camisa rasgando-lhe os botões num puxão.

DR. OLEGÁRIO: Bisturi. (*A enfermeira 2 dá-lhe o bisturi. Faz a incisão sobre o coração*) Ora, ora, ora... O que temos aqui? Todo o processo mnêmico do raciocínio epilético da consciência amorosa veio dar no coração, entupindo o ventrículo esquerdo, impedindo a aorta de evidenciar-lhe a razão, também o ventrículo direito foi afetado de uma pulsação histérica da fisioperplexia do abandono fálico do ser amado, o que lhe causa a demência pulmonar crônica e a febre venosa nos instintos primários. O caso é muito sério.

ENFERMEIRA 1: E o que faremos, dr.?

DR. OLEGÁRIO: O caso é perdido. A não ser que lhe inseríssemos no sangue 10 mil miligramas de endorfina

egosintética da dilação bíblica de Jacó, abrindo-lhe a circulação sanguínea e liberando-lhe o oxigênio ao sistema neuroeocentrífugo da encefaloovnia respiratória. Mas o efeito avaliaria o paciente tão-somente por sete anos, prolongando-se, com sorte, por quatorze, mas tudo isso é incerto demais para dizermos.

ENFERMEIRA 2: Mas se é o único modo, temos de fazê-lo!

DR. OLEGÁRIO: Sim. Mas isso pode causar efeitos colaterais prolongados, em que o paciente criaria uma fissura psíquica com graus extremamente oscilantes de coerência mental e química, o que produziria também uma inépcia organizacional na percepção cosmoonírica dos astros estelares, afetando ainda o paciente de uma disfunção nos órgãos psico-sexuais: O paciente será incapaz de amar de novo e estará agrilhado do pensamento fixo do antigo ser amado... As sequelas serão incorrigíveis.

ENFERMEIRA 1: Salve-o, dr.!

DR. OLEGÁRIO: Tu pedindo, eu salvo, mas tu fica coa responsabilidade de meu ato. Assine aqui!

Pega um papel e uma caneta na bandeja de instrumentos cirúrgicos. Ela assina.

DR. OLEGÁRIO: A endorfina.

ENFERMEIRA 2 (*dá-lhe uma injeção enorme para aplicar*): Aqui está.

O médico aplica cravando-a no coração, como a uma punhalada. Juliano dá sinais de vida soerguendo o peito num respiro fundo, como voltasse à vida.

DR. OLEGÁRIO (*desce de sobre Juliano*): A operação foi um sucesso. Conduzam-no a um quarto e deixem-no repousar.

Sai. Enfermeiros entram e o levam para fora com uma maca. As duas enfermeiras batem as mãos no alto num pulo congratulando-se.

ENFERMEIRA 1 e 2: Mais um trabalho bem sucedido das super enfermeiras...

ENFERMEIRA 1: Ivonete!

ENFERMEIRA 2: Elizete!

Música techno novamente, ao que elas dançam e saem.

Cena III

*Entra Teseu em cena e se joga na cama como cansado e distante.
Dá-se um tempo. Entra Eliandra.*

ELIANDRA: Teseu!

TESEU: Li! tu aqui essa hora?

ELIANDRA: Estou grávida.

TESEU: Grávida? Grávida... como?

ELIANDRA: Grávida. Aconteceu.

TESEU (*senta-se na beira da cama descorçoado*): Mas não pode ser... É meu?

ELIANDRA: Desde o primeiro dia que transamos é com você que eu transo. É teu.

TESEU: Mas não pode ser, deve ser um engano...

ELIANDRA: Estou grávida, Teseu, o filho é teu, e disso não se pode fugir.

TESEU: E eu faço o quê?

ELIANDRA: O que tu faz? Tu já fez.

TESEU: Mas não é certo...

ELIANDRA: O que não é certo? Eu tô grávida e não há de ter certo ou errado, mas havemos de fazer alguma coisa...

TESEU: Aborta!

ELIANDRA: Enlouqueceu?!

TESEU: Aborta! Eu pago o aborto.

ELIANDRA: Tu negocia a morte de teu filho?

TESEU: Aborta que eu não posso ser pai.

ELIANDRA: Todo homem, desde que tenha um pênis e ejacule, pode ser pai. Porque nas horas que transávamos tu gozava, e dizia que me amava, e agora...

TESEU: Eu te amo, Eliandra, mas eu não posso ser pai.
Aborta!

ELIANDRA: Não aborto! Não aborto nunca!

TESEU: E o que eu faço?

ELIANDRA: Teseu?, tu me ama?, casa comigo.

TESEU: Eu não posso me casar...

ELIANDRA: Ah, tu não pode? E eu? Eu carrego o teu filho e fico sozinha com um filho sem pai, por acaso? Eu crio o teu filho sem pai ou tu não é homem pra assumir teu feito?

TESEU: Tu não entende...

ELIANDRA: Entender o quê? Que tu é um covarde que abandona quem te ama co teu sêmen florescendo no seu ventre? Tu é um covarde!

TESEU: Eu te amo, Eliandra, mas eu...

ELIANDRA: Eu o quê? Eu não vou assumir meu filho porque eu sou um covarde?

TESEU: Eu não sou covarde.

ELIANDRA: Então o quê?

TESEU: Eliandra, a natureza é mais complexa que um simples sexo...

ELIANDRA: Um simples sexo? Então era isso? Um simples sexo? Pois pra mim não era. Pra mim era importante. Mas pra ti era simples sexo!

TESEU: Não era.

ELIANDRA: Tu disse.

TESEU: Não quis dizer isso.

ELIANDRA: Quis dizer o quê?

TESEU: Quis dizer... Eu não sei o que eu quis dizer. Eu tô confuso!

ELIANDRA: Tu não gosta de mim.

TESEU: Tu sabe que te gosto.

ELIANDRA: Então o quê?

Teseu começa a andar de um lado pro outro.

TESEU: Eu...

Eliandra senta na cama entristecida ou chorando.

ELIANDRA: Tu não gosta de mim.

TESEU: Não é isso. É que... É que eu... (*Muda a expressão nuns
enquanto em que muda o pensamento*) Eliandra! Tolice
minha. Venha cá, Li, venha! (*Puxa ela pelo braço e a beija*)
Nos casaremos então.

ELIANDRA: Pois eu não quero.

TESEU: Que tu quer então? Eu não te entendo.

ELIANDRA: Eu quero que tu me ame. Eu quero ser amada.

TESEU: Te amo, Eliandra, te amo. Esquece o que eu dizia. Te
amo muito, muito mesmo.

ELIANDRA: Me ama? Então casa comigo.

TESEU: Caso.

ELIANDRA: Mas me ama também?

TESEU: Te amo, te amo, te amo sim!

ELIANDRA: Me ama a ponto de...?

TESEU: Amo-te a ponto de viver a vida a teu lado, todos os meus dias, até à morte.

ELIANDRA: Promete?

TESEU: Até à morte.

Ela vai até ele e lhe dá um beijo ligeiro mas apaixonado nos lábios.

ELIANDRA: Então direi tudo a meu pai.

TESEU: Ele nem me conhece...

ELIANDRA: Conhecerá. Todos te conhecerão. Tu é meu esposo.

TESEU: Me faz feliz, Eliandra!

ELIANDRA: Faço. Tudo que eu fizer será por isso. Faço sim. Pra sempre.

Se abraçam.

ELIANDRA: Quero que venha comigo!

TESEU: Pra onde?

ELIANDRA: Venha! Venha!

Ela o conduz para fora. Trevas.

Cena IV

Teseu está no palco sentado na cama e pensativo ao voltar da luz.

TESEU: Não é necessário o amor. “Ao depois amor se pega”.

O amor a gente constrói encaixando tijolos, meio aos poucos, até que se erga moradia, e às vez se ama ou não ama, a gente tem de tomar tento um dia, tem que virar homem, e eu vou ter um filho... um filho... isso eu não pensei que eu diria um dia, um filho... O Juliano não gosta de criança, ele é bicha, ele é bicha e eu não sou... eu só gostava do Juliano porque... O Juliano sabia me deixar louco, me amarrava, mas eu nunca amei ele, eu... eu... gostava de ter ele por perto... Quando eu saí de lá, eu prometi a mim mesmo que ele era o único homem que eu amava, ele só, e eu não traí ele, eu nem amava ele, eu amo Eliandra. O amor nunca é verdadeiro, é uma ilusão entre corpos, é uma química do sexo que *(veja-se que o verbo aparece no passado como reminiscência)* parecia qualquer fluido que escapasse de entre os poros, um suor com qualquer química que atraia e que convide, mas amor a gente inventa, a gente inventa todo dia, como um poema idiota de um poeta meio tonto... Gosto de fazer amor com Eliandra, ela é bonita, ela... Eu terei um filho. O Juliano se soubesse que eu vou ter um filho não ia nunca acreditar, ele ia pensar que é mentira. Não falo mais co Juliano, não escrevo mais pra ele, eu sou homem, tenho de tomar tento de homem... Não lhe telefono também. Não. Mando-lhe cartões. Cartões são sempre propícios: há cartões de natal, de aniversário, de amizade... Cartões. Assim eu não me comprometo, e ele há de ficar contente. Não lhe atendo o telefone também. Não. Mudo o número. Me afasto do Juliano. Eu não amo o Juliano. O amor a gente

mente. Todo mundo mente. É natural mentir no amor. Eu e a Eliandra, a gente se respeita um ao outro e é isso, isso é o amor, respeitar-se um ao outro, e a gente se ama, e vive a vida inteira junto; amor não é aquele fogo que queima por dentro e que manda na gente, isso é outra ilusão, isso é desejo, é paixão, qualquer coisa, amor não é. Amor é respeito. Respeito. A Eliandra eu amo, o Juliano era esse fogo bobo, esse fogo meio barata tonta que não sabe pr'onde vai. A Eliandra é mulher, vou ter um filho, a gente envelhece junto, como meu pai e minha mãe; a vida é essa, não é nenhum furacão estúpido e irracional que assopra perdigueiro, cachorro sem lar. A Eliandra eu amo. (*Pausa. Pensativo por uns minutos*). Mas nos dias de hoje é bom que eu tenha só um filho, um filho só, pra ser também um bom pai pra ele. Tudo bem planejado e a gente é feliz, é natural que se seja feliz dessa maneira. Alugo um apartamento, não quero residência aqui, não vivo a vida inteira aqui, alugo um apartamento novo pra gente, maior, e quando um dia a gente escolhe onde morar. Sem atropelo. Sem atropelo.

Sai.

Cena V

Entra de um lado Juliano e do outro, ao mesmo tempo, entra Rodrigo todo eufórico.

RODRIGO: Juliano, Julianinho, meu amor, minha paixão, você não sabe o que eu sei!

JULIANO: Tá louca, sua bicha escandalosa! Quê que foi?

RODRIGO: Você não sabe quem vem!

JULIANO: Aqui!?

RODRIGO: Na cidade.

JULIANO: Deve ser muito importante pra tu ficar assim, toda doida, parece que vai ter um treco.

RODRIGO: Eu não. Você vai.

JULIANO: Pode ter certeza que não, seja quem for eu nem me importo.

RODRIGO: Ah, te importa, te importa sim.

JULIANO: Quem é?

RODRIGO: Eu acho que não vou contar.

JULIANO: Então não conta.

RODRIGO: Ai não, eu conto sim, sabe quem?

JULIANO: Diz ou não diz.

RODRIGO: É o Teseu.

JULIANO: O Teseu! E o que é que eu tenho com isso?

RODRIGO: Você o ama.

JULIANO: Não amo não.

RODRIGO: Ama sim, ama que eu sei, olha como é que ficou toda desnorteada.

JULIANO: Não fiquei nada não, sua bicha estúpida!

RODRIGO: Ah, ficou até nervozinha...

JULIANO: Eu não tenho nada com Teseu. Pouco importa que venha ou não venha.

RODRIGO: Ele vem domingo. O Marcinho que disse pro Eduardo. O Dudu disse que o Marcinho encontrou com ele no aeroporto lá em Brasília: Viagem de negócio, Mona! Diz que vem rico, rico e bem sucedido.

JULIANO: Já disse que não tenho nada com ele.

RODRIGO: Ah, mas eu tenho, se tu não tem, eu fisgo esse bofe.

JULIANO: Ele não vai querer nada contigo. Tu é muito bicha pra ele.

RODRIGO: Tá com ciúme?

JULIANO: Não me enche, Rodrigo, não me enche que hoje eu não tô pra isso não!

RODRIGO: Tudo bem, tô de saída, só queria ver como é que tu ficava.

JULIANO: Continuo o mesmo.

RODRIGO: Sim. Continua. E eu... eu sou Gloria Gaynor! Ui!

JULIANO: Some da minha reta, Rodrigo, vaza!

RODRIGO: Fui!

Sai.

JULIANO: Então Teseu está voltando... Por uns meses mandava-me cartas. Me telefonava vez ou outra. Num natal mandou-me um cartão, e então... sumiu. Sumiu... ou se escondeu. Se escondeu. Não sei de quê, que era de mim, mas se escondeu. Agora está de volta sem que nem me dissesse notícia. Nove anos... Nove anos depois e ele volta ao lar. Mas eu odeio Teseu. Odeio. Na minha alma eu o odeio. Mas está de volta... Como será que está? Rico? Bem sucedido? Não me importa. Não me importa nem um pouco. Eu odeio Teseu. Eu o odeio e quero falar isso olhando nos olhos dele. Ele vai se arrepender de tudo. Ou não vai? Ou ele tem alguém? Está sozinho e vem correndo pra mim, eu sei, e eu... Ele

vai ver. Ele pensa que eu vou cair nos braços dele como um cachorrinho. Mas ele vai ter de se ajoelhar pra mim, terá de implorar, e ele vai implorar. Ele é que virá como um cachorrinho pra mim. Ou não virá? Ou me esqueceu? Eu odeio Teseu! Eu o odeio! Odeio! Direi isso olhando nos olhos dele! Ele vem domingo. Ele vem domingo, mas terça-feira tem a feira de artes, a feira de artes é claro... O Teseu é arquiteto, adora escultura, adora desenho, adora pintura, ele nunca faltou a uma feira de artes, vai estar lá certamente, e se ele não me procurar antes disso, quem sabe?, se ele não me procurar, eu, casualmente, estarei na feira também. Naturalmente, eu sempre aparecia por lá. Eu o odeio e direi isso olhando nos olhos dele, direi, eu odeio Teseu! Mas terça-feira tem a feira de artes, a feira de artes...

Sai.

Cena VI

Far-se-á a feira de artes. Entrarão dois palhaços, Tristezinha e Amargurado, com maquilagens melancólicas. Entrarão com piruetas. Quando eles fazendo o seu show, fazendo algo piruetando que possa entreter num enquanto, montar-se-á a feira, entrando os artistas, todos tipos estranhos, vestidos com extravagância, trazendo obras e adereços. Um pintor trará um cavalete e estará pintando um céu imaginário sobre o público. Haverá artistas de todo gênero. Teseu, a esposa e o filho estarão de um lado do palco, assistindo aos palhaços, depois, como observassem obras, conversassem, encaminhando-se aos poucos ao centro. Teseu sempre meio avulso da mulher e o filho. Enquanto na outra extremidade do palco está Juliano, sem que nenhum perceba o outro até que se encontrem nas bandas centrais do palco. As palhaçadas nada engraçadas dos palhaços são acompanhadas de largas gargalhadas, ao que os palhaços mesmo divertem-se de suas próprias piadas. Música de picadeiro. Os palhaços se encontram na boca de cena.

AMARGURADO: Que plateia linda! Se apresente ao público, Tristezinha!

TRISTEZINHA: Sim! Eu sou Tristezinha!

AMARGURADO: E eu Amargurado!

TRISTEZINHA E AMARGURADO: Somos os palhaços melancólicos!

AMARGURADO: Por que está co'essa cara de burro velho agonizando, Tristezinha?

TRISTEZINHA: Vinha eu pensando em suicidar-me.

AMARGURADO: E por que não suicidou-se, Tristezinha?

TRISTEZINHA: É que ninguém quis fazer isso por mim.

Gargalhadas leves de início.

AMARGURADO: Ora, não fique triste, Tristezinha, eu te suicido se você quiser.

TRISTEZINHA: Suicida mesmo?

AMARGURADO: Suicido. Mas pra isso você tem que se matar.

TRISTEZINHA: Mas eu não quero morrer.

AMARGURADO: Por que não? Você é um palhaço estúpido, idiota e sem graça que mora coa mãe e sofre de AIDS, hemorróidas e anemia. Eu de você morria.

TRISTEZINHA: Pensando um pouco, tem razão.

Gargalhadas.

TRISTEZINHA: Mas como eu faço?

AMARGURADO: Ah, é fácil, é só serrar a cabeça cuma faquinha de serrinha.

Leves gargalhadas.

TRISTEZINHA: E isso dói?

AMARGURADO: Só no começo, depois que a cabeça cai jorrando o sangue na plateia, aí não dói mais não.

Gargalhadas.

AMARGURADO: Tristezinha, sabe por que a vida é uma merda?

TRISTEZINHA: Por quê?

AMARGURADO: Porque é só uma, que se fosse mais de uma ia sê a maior cagada.

Gargalhada.

AMARGURADO: E sabe por que o mundo é uma droga?

TRISTEZINHA: Por quê?

AMARGURADO: Porque não dá pra fumar ele.

Gargalhadas.

TRISTEZINHA: Amargurado, hoje é um dia especial, você sabia?

AMARGURADO: Por que hoje é um dia especial, Tristezinha?, todo dia é a mesma bosta, só a mosca verde é que lhe gosta.

Leves gargalhadas.

TRISTEZINHA: Não, hoje é um dia especial.

AMARGURADO: Por quê?

TRISTEZINHA: Porque você chupou meu pau.

Gargalhadas extremas.

UM ATOR: Como podem ser tão engraçados!

OUTRO ATOR: Eu poderia rir com eles a minha vida inteira,
eles são incríveis, nunca vi piadas tão originais!

AMARGURADO: Tristezinha!

TRISTEZINHA: Sim!

AMARGURADO: Faça algo muito engraçado!

*Tristezinha vira de lado, empina a bunda, espicha a perna e solta
um grande peido. Gargalhadas loucas.*

AMARGURADO: Muito bem, Tristezinha, porque agora
damos abertura oficial à grandiosa...

TRISTEZINHA E AMARGURADO: Vigésima sétima feira de
artes regional!

Aplausos calorosos. Música de picadeiro. Saem os palhaços com piruetas para o meio dos outros. Juliano conversa com um artista nos cantos do palco. O artista traz uma caixinha de fósforos e um fósforo na mão.

ARTISTA 1: Aqui está, Juliano, a maior obra de arte de todos os tempos.

JULIANO: O quê? Um palito de fósforo?

ARTISTA 1: Ora Juliano, não seja estúpido. Você tem de ver o que se esconde atrás da obra. As minúcias que se ocultam aos olhos desapercibidos.

JULIANO: O que se oculta num palito de fósforo?

ARTISTA 1 (*irritado*): Não é um palito de fósforo! É a representação figurativa e simbólica de um homem incendiário desesperado pela perda das terras na faixa de Gaza. É absolutamente político.

JULIANO: Um palito de fósforo?

ARTISTA 1: Olhe isso! Preste atenção!

Acende o palito na caixinha e o fica admirando extasiado.

JULIANO: Pra mim é um palito de fósforo. Tu nunca ganhará prêmio algum com isso.

ARTISTA 1: Porque o júri, esse maldito júri é formado por pessoas estúpidas, que nada entendem da verdadeira arte. Veja.

Acende outro palito. Juliano se retira enquanto ele admira extasiado. O palhaço Tristezinha conversa com o pintor.

TRISTEZINHA: O que está pintando?

PINTOR: Não está vendo?

TRISTEZINHA: O céu?

PINTOR: É mais que um simples céu. Deixe-me dar esta pincelada. Calma... Calma... Aí está. Veja!

TRISTEZINHA: O quê?

PINTOR: O azul neblina. O azul neblina aqui, ele se mistura capciosamente aos astros do céu e forma uma nebulosa agoniada perante a negridão do universo. A busca da libertação da alma através dos éteres do espaço.

TRISTEZINHA: Vejo! Vejo! Como quando eu dizia que queria suicidar-me!

PINTOR: Exatamente! Veja agora.

Novas pinceladas.

TRISTEZINHA: O quê?

PINTOR: O roxo na extremidade esquerda, lutando uma luta agônica com o amarelo nas bordas, como se fossem duas forças contrárias expandindo a imensidão da criação do cosmos. Sim. A força do Espírito de Deus mesclando a dor da opressão pelo pecado do mundo. Sim. Sim. Não havia pensado nisso. Claramente. Veja.

TRISTEZINHA: Vejo! Vejo! É divino!

PINTOR: É claro que é. Certamente que é.

Cena vai para Teseu que conversa com a dramaturga.

TESEU: E como é o nome de sua nova estreia?

DRAMATURGA: Chama-se “Amo-te a ponto de matar”.

TESEU: Uma tragédia?! É claro que é uma tragédia. Esse nome. Adoro tragédias.

DRAMATURGA: É sim. É uma tragédia. Não sei se em moldes clássicos, mas uma tragédia. Criticaram-me muito o enredo.

TESEU: E o que diz o enredo?

DRAMATURGA: Dois homens que se amam. Mas um deles se casa e se condena a si mesmo.

TESEU: Se condena? Casando? Como?

DRAMATURGA: Ora, ele ama o outro, isso é um erro trágico, *hamartia*, ou o amor demais... mas casa-se e quer enganar-se a todo custo dizendo que não ama, não ama, isso é estupidez, não concorda comigo?

TESEU: Talvez não seja estupidez...

DRAMATURGA: É claro que é. Amar demais pode ser bom, mas pode ser muito ruim, e aí está a tragédia...

TESEU: E o que acontece então?

DRAMATURGA: É uma tragédia... Por que não confere tu mesmo? Estreia em três semanas.

TESEU: Sim, sim. Estarei lá. Certamente. Mas gostaria só de saber se...

DRAMATURGA: Morrem todos.

Chega alguém tomando a atenção da dramaturga para si. Teseu, afastando de costas, já está nos centros do palco. Está um pouco inquieto com a conversa. Então vira-se e vê Juliano diante de si.

TESEU: Juliano!

Juliano, supostamente distraído, volta-se para ele.

JULIANO: Teseu...

TESEU: E aí? Como vai, homem?

Apertam-se as mãos.

JULIANO: Ora, a vida segue...

TESEU: Mas como passou estes anos, Juliano?

JULIANO: Como os passei?...

TESEU: É, o que fez estes anos todos?

JULIANO: Nada fiz.

TESEU: Trabalhando muito então?

JULIANO: O mesmo de sempre. Eu nada fiz.

TESEU: Nove anos, e tu continua o mesmo.

JULIANO: Tênuas mudanças, nada mais.

TESEU: Tive saudades.

Cena vai para o palhaço Amargurado que conversa co poeta.

AMARGURADO: E como é o verso?

POETA: O verso mais esplêndido que a literatura já viu, o mais esplêndido, absolutamente, o mais esplêndido.

AMARGURADO: Deve ser, se há três anos que trabalha nele e não produz mais nada.

POETA: É que este soneto não é qualquer soneto, ele é a minha obra-prima de perfeição. É para a vida toda. Uma obra-prima. Eterna. Dia após dia eu o medito no silêncio abismal das minhas reflexões filosóficas e me consumo sobre ele como um moribundo em que o sangue esvaísse.

AMARGURADO: E só tem um verso?

POETA: Um verso. O mais belo, o mais perfeito. Por isso não consigo terminá-lo, nada parece à altura para que lhe confie um verso novo.

AMARGURADO: E como é o verso?

POETA: Deixe-me concentrar um pouco para que, recitando-o, tu compreenda toda a complexidade existencial da forma, do ritmo e conteúdo de meu verso. (*Concentra-se comicamente extravagante*). Sim. (*Toma fôlego*) “Te amo tanto. Tanto, tanto. Tanto, tanto.” Novamente, ouça: “Te amo tanto. Tanto, tanto. Tanto, tanto.” Viu, percebe a forma, a manifestação sintética de uma cadência clássica num verso contemporaneíssimo. Onze sílabas, e nada mais. “Te amo tanto”, veja, como batesse um relógio, “tanto, tanto!”, entende? O relógio que marcara o tempo deste amor. É esplêndido, é sublime! “Tanto, tanto. Tanto, tanto.” Poderia repeti-lo a vida inteira.

AMARGURADO: E não é exatamente o que tu faz?

POETA: Tanto, tanto. Tanto, tanto.

Cena volta para Juliano e Teseu.

TESEU: Entenda, Juliano, as coisas complicaram-se para mim.

JULIANO: Complicaram-se?... Sabe que realmente eu fiz nestes nove anos? Eu te odiei, Teseu. Eu te odiei com minhas forças. Te odiei com minha vida. Eu te odiei, Teseu. Tu me ignorou. Se escondeu de mim. Nem sequer me disse um porquê, mas se escondeu, me evitou. E eu te odiei. Te odiei, Teseu, mas agora, olhando nos teus olhos, como uma pluma voasse de dentro de mim e fosse embora, o meu ódio...

Eliandra toca Teseu no ombro, trazendo o filho de mãos dadas.

ELIANDRA: Teseu?

TESEU: Eliandra!, este é Juliano, um grande amigo meu.

JULIANO: Amigo...

TESEU: E esta... esta é minha esposa Eliandra.

JULIANO: Tua esposa?

ELIANDRA: Sim. Como vai? Prazer te conhecer.

Dão-se as mãos.

TESEU: E este é meu filho, o Moisés, Adrian Moisés.

JULIANO: Teu filho? Então tu casou mesmo, e tem um filho?...

ELIANDRA: Teseu, quero pousar pra aquele rapaz dos desenhos me retratar o rosto.

TESEU: Claro, Eliandra, como quiser.

ELIANDRA: Licença então. Venha, Moisés, venha!

Vão.

JULIANO: Então tu casou.

TESEU: Casei.

JULIANO: Aquele dia me disse “espera, venho como um cego, não me perco e blá, blá, blá...” Daí tu casa.

TESEU: É meu filho, Juliano. A Eliandra engravidou...

JULIANO: E tu casou.

TESEU: Não podia deixar meu filho. Abandoná-lo com a mãe. Tinha de ter um pai, um pai e uma mãe, uma família. É meu filho.

JULIANO: E então tu casou.

TESEU: A vida é assim, Juliano...

JULIANO: E tem sido feliz, Teseu?

TESEU: Às vez a vida prega surpresa na gente, e eu não tinha outro modo, então...

JULIANO: Tem sido feliz?

TESEU: Pare com isso, Juliano, sejamos maduros.

JULIANO: Muito maduro tu foi.

TESEU: Fui homem. Fui homem, Juliano.

JULIANO: Então seja homem para admitir que não é feliz.

TESEU: Não seja assim... Quero que seja meu amigo, Juliano.

JULIANO: Teu amigo, Teseu? Tem noção de que me pede?
Depois de tudo o que passamos juntos, quer ser meu amigo?

TESEU: Quero. Quero, Juliano. Quero muito.

Cena vai para Tristezinha e o pintor.

PINTOR: Aqui. Este borrão acinzentado.

TRISTEZINHA: Sim! Vejo! Como a nuvem se formasse na consciência pictórica das cores e moldasse uma nova nebulosa, tencionando a existência dos questionamentos humanos e da dúvida, do

emaranhamento confuso de nossos dilemas espirituais, dando tonalidade às contradições históricas de toda a criação efusiva da vida.

PINTOR: Não. Essa mancha. Derramei solvente descuidosamente sobre a pintura. Está perdida. Estraguei tudo.

TRISTEZINHA: Ah!

Volta a Teseu e Juliano.

JULIANO: Então serei o teu amante.

TESEU: Não posso. Não enquanto meu filho estiver vivo. Quero ser um bom pai, sabe que tenho palavra, prometi ser fiel à Eliandra, e um bom pai, tu sabe, ele é também fiel à mãe de seu filho.

JULIANO: Teu filho! Teu filho! Teu filho é um entrave!

TESEU: Não fale assim! É um pedaço de mim!

JULIANO: O pedaço que te estorva.

TESEU: Eu amo meu filho. Não fosse ele, nada disso acontecia.

JULIANO: Então é teu filho?

TESEU: É ele sim. Dediquei a minha vida a ele. Porque sou pai. Sente o peso da palavra? Pai.

JULIANO: E se não fosse ele?

TESEU: Te disse: Nada disso acontecia. Por isso entende, Juliano. Põe consciência na tua alma. Eu tenho um filho.

JULIANO: Então é teu filho.

TESEU: Tudo o que fiz foi por meu filho. E tudo farei por ele também. Tornei-me homem.

JULIANO: Mas é claro. Deixe de lado a minha ignorância, Teseu. É claro que entendo que tu ame teu filho, ele é teu filho, parte de ti. Foi só o choque de tudo isso que me afetou. Sabe de uma coisa?, de agora em diante eu serei o tio Juliano. Seremos amigos, é claro, e eu serei o melhor amigo do teu filho também. Tio Juliano. Fica até bem.

TESEU: Fica. Eu sabia que ia entender.

JULIANO: Deixe-me então falar co teu Moisés; Adrian Moisés, não é mesmo?

TESEU: Vá lá. ...Espera. Juliano. Será que não ia jantar lá em casa hoje? Aí podíamos conversar.

JULIANO: Eu, tu, teu filho e tua esposa. Está marcado.

Apertam as mãos e ele vai até o menino. Conversarão e brincarão, como conquistasse a confiança do Moisés. Teseu assiste feliz. Enquanto a dramaturga conversa com um outro artista.

DRAMATURGA: Não é confiável. Nem é culpa dele, amor demais. Amor demais deixa a gente louca. Mas ele é capaz de tudo.

ARTISTA 2: A ponto de matar.

DRAMATURGA: Exatamente. Mas a frieza de um amante é coração demais, não é frieza, é coração demais. Nas coisas do amor, passa-se por cima de tudo.

ARTISTA 2: Até do próprio amante.

DRAMATURGA: Certamente. Tudo que se põe no caminho é considerado um empecilho quando o amor é ameaçado. Até o próprio amante.

ARTISTA 2: Mas se se ama verdadeiramente, quer-se o bem, não o mal.

DRAMATURGA: Mas o bem e o mal considera-se de quantas perspectivas forem os envolvidos na situação. O que é o bem e o que é o mal? Raciocínios? Cálculos? Julgamentos? Não sei. Valem os fins. Às vez é bom o que na essência diz-se mau, ou vice-versa, mas é tudo um raciocínio, um preconceito, um juízo. Problema é nossa hipocrisia, co outro e conosco mesmos. Que valem são os fins, e para chegar aos fins os atos não se medem, sejam bons ou maus, só os fins os solucionam. É a ordem da natureza. Não há certo ou errado. Não no amor. No amor, tudo é permitido, não é isso que diz o chavão?

Cena vai a Juliano e Moisés.

MOISÉS (*abraçando Juliano*): Te adoro, tio Juliano.

Começa-se a executar a música "A Banda" de Chico Buarque.

UM PRESENTE: A banda! Aí vem a banda!

Começa algazarra e festa no palco. Dançam todos com a música. A banda entrará como se tocasse chamando a todos sob a música para segui-la na fanfarra. Os presentes pegam os pertences artísticos que estivessem no palco e carregam consigo limpando o palco, sempre dançando felizes em atrás/junto da banda. Todos saem, exceto Juliano que nem dançar não dança estando profundamente concentrado em si. A música cessa então.

JULIANO: Então é teu filho, Teseu? Teu filho. Seremos grandes amigos, Teseu. Grandes amigos! E amantes.

Sai. Silêncio absoluto.

Cena VII

Luz torna penumbra. Sons noturnos, grilos. Entra um homem troncudo e mal encarado, o assassino.

ASSASSINO: Aquele mequetrefe! Que quer de mim aquele patife, às portas de um cemitério? Coisa boa eu sei que não é, que vindo dele, nada de bom não é não, disso tenho certeza. Mas o que ele quer? Se eu pudesse, ah se eu pudesse eu fazia ele hoje. Fazia. Fazia mesmo. Aquele...

Entra Juliano.

ASSASSINO: Que tu quer?

JULIANO: Ora, assim que recebe a velhos amigos? Nenhuma cortesia? Nenhum cumprimento?

ASSASSINO: Sabe muito bem que amigo meu tu nunca foi e nem vai ser.

JULIANO: Mas vinha tão contente pra te ver.

ASSASSINO: Guarde a tua ironia pra teus amantes, seu bicha!

JULIANO: Ironia é tu vir pra esse encontro, não é mesmo?

ASSASSINO: Ironia é tu gastar meu tempo, Juliano, e eu não te matar neste exato momento! Vá logo ao assunto.

JULIANO: Pois bem. Tenho um serviço pra ti.

ASSASSINO: Um serviço... Alguém que te incomoda, eu presumo.

JULIANO: Alguém que me estorva a vida.

ASSASSINO: A ponto de...

JULIANO: A ponto de eu perder meu tempo te procurando.

ASSASSINO: Pois não me procurasse, não faço mais esse tipo de serviço.

JULIANO: Um assassino é sempre um assassino. Ou tu já viu um assassino convertido?

ASSASSINO: E o pervertido nunca deixa a perversão, que o que não presta vem de berço.

JULIANO: Por isso é que somos amigos, não é mesmo?

ASSASSINO: Farinhas de um mesmo saco. Por que não diz logo de uma vez pra que tu veio?

JULIANO: Um menino. De sete anos.

ASSASSINO: Um menino? De sete anos? Que desalmado faria isso?

JULIANO: Qualquer um que se pareça um pouco contigo.

ASSASSINO: E o que um menino de sete anos te fez de mal pra que tu...?

JULIANO: Isso é caso meu. Tu não passa de um qualquer com quem assino o meu contrato.

ASSASSINO: E tu? Tu é o contratante do homicídio de um menino sem malícia, de um menino inocente!

JULIANO: A vida exige certas medidas.

ASSASSINO: Medidas sórdidas, conforme a sordidez de quem as toma.

JULIANO: Medidas são medidas. São extremas, conforme a latitude do problema.

ASSASSINO: E quem é o menino?

JULIANO: Filho de Teseu.

ASSASSINO: Teseu? O teu amante? Não havia ido embora?

JULIANO: Voltou.

ASSASSINO: E tem um filho? Que ironia... E o que o filho dele te fez?

JULIANO: Não importa. Já disse: Isso é comigo. Apenas... dê sumiço nele. Só isso.

ASSASSINO: Já disse que não faço mais esse tipo de coisa.

JULIANO: Muito embora o dinheiro te compre facilmente, não é mesmo?

ASSASSINO: E quanto pretenderia me pagar?

JULIANO: Trinta mil agora.

ASSASSINO: Trinta mil! Trinta mil agora! Trinta mil não pagaria o caixão que enterrasse um ato desalmado como esse!

JULIANO: Trinta mil agora. Noventa depois do serviço feito.

ASSASSINO: Cento e vinte mil!

JULIANO: Cento e vinte. Como disse, o dinheiro compra, compra tudo.

ASSASSINO: Penso de onde viria o dinheiro de uma empreita diabólica como essa...

JULIANO: Das minhas finanças cuido eu. Tu tem a oferta, te importa de onde vem? Te importa o dinheiro, as fontes por elas mesmas não pagarão tua carência. E eu sei da tua carência.

ASSASSINO: Cento e vinte mil... Um assassino... Um assassino quando mata, ele toma a vida de sua vítima, ele a toma pra si, cada ano, como arrancasse dela a alma. Tu!, não eu, tu! tomará sete anos de um menino inocente. Como você carregasse, não a morte dele, a vida que ele tinha antes de tu...

JULIANO: Então está acertado. Aqui estão os trinta mil. (*Dá-lhe um pacote com o dinheiro ao que ele confere o mote*). O restante chegará às tuas mãos logo o serviço esteja pronto. Filho de Teseu. O nome dele é Adrian Moisés. Moram no Desterro das Cruzes, no Edifício Átila, próximo à Universidade, e o menino estuda pela manhã no colégio das irmãs carmelitas, no centro. No mais, tu te informa, tu sabe muito bem como o fazer. Como nos velhos tempos. Só não erre, por favor. E com isso: Até nunca mais.

Vai sair.

ASSASSINO: Cento e cinquenta! Cento e cinquenta ou nada feito!

JULIANO: O lance está dado. Adeus.

Sai.

ASSASSINO: Maldito! Maldito idiota sem coração! Eu te encarrego de levar a vida do inocente dentro de tua alma, como a cruz que te condenasse a desgraçar-se na moléstia de tua crueldade. Eu te condeno! Te condeno, Juliano, te condeno!

Sai.

Cena VIII

*Entra uma mulher vestida de azul com muita pureza, como uma
menininha, cantando pelo palco como a um anjo...*

MENININHA:

brinca e desbrinca
meu coração
eu sou criança
me dá a mão

brinca de roda
canta pra mim
eu sou criança
me faz feliz

*Entram o assassino e Moisés, este que brinca com um aviãozinho
isolado em si na brincadeira, feliz. A mulher (menininha) só
observa meio distante com um lá lá iá talvez seguindo a
canção, meio num mundo próprio dela de criança. Moisés se
perde do trilhar do assassino com a brincadeira, vagueando o
palco, ao que o assassino se agacha então e o chama...*

ASSASSINO: Venha! Venha! Venha, Moisés! (*Moisés vai até
ele ao que ele brinca com Moisés entrando em sua
brincadeira, e riem-se*). Tu sabe que no céu tem anjinho,
sabe?, tem um milhão de anjinho, coas asinha voando,
voando pra todo lado... Você queria morar cos anjinho
no céu, queria? Quer sim. Menino bonzinho tu é.
Menino bonzinho. Mas vamos! Vamos que senão a
gente não chega nunca. Venha!

Saem de mãos dadas. A mulher canta novamente ao que vai sair.

brinca e desbrinca
eu vou voar
eu sou criança
posso sonhar

brinca de sonho
brinca de amor
eu sou criança
sou sim senhor

Cena IX

Juliano em cena. Entra Teseu desesperado.

TESEU: Juliano! Meu filho!

JULIANO: O encontraram?

TESEU: Não, Juliano, ou sim, mas eu não sei.

JULIANO: O que está acontecendo, Teseu?

TESEU: Acharam um menino no lago. Está desfigurado. Morto. Foi assassinado, meu Deus, assassinado! Mas não sabem dizer se é ele mesmo, não sabem, mas eu sei, é ele, eu sei, eu sou o pai, eu sei. É ele sim. Meu filho!

JULIANO: Não pode ser. Não é!

TESEU: Eles dizem que está lá há três dias, como o Moisés.

JULIANO: E Eliandra?

TESEU: Não sabe. Eu não disse nada. Não tenho coragem. Eu não quero ver Eliandra hoje, não quero encará-la nos olhos.

JULIANO: Mas ela precisa de ti.

TESEU: E eu de você.

Silêncio...

JULIANO: Deixe eu ligar a Eliandra.

Juliano vai ao telefone, no bidê. Teseu vai até ele e volta o telefone ao gancho.

TESEU: Deixe Eliandra, eu preciso de ti.

JULIANO: Mas não é certo.

TESEU: Nada é certo, Juliano, nada é certo. É certo que o meu filho...

Desespera-se mais e soluça chorando inconsolável.

JULIANO (*abraçando Teseu*): Acalma, Teseu, acalma, homem, acalma...

Aos poucos chegam ao beijo.

TESEU: É tu que eu amo, Juliano, fica comigo.

Vão para a cama. Trevas.

Cena X

A luz volta quando Juliano está nu sob os lençóis, roupas ao chão, e Teseu em pé ao lado da cama, em calças apenas, vestindo-se no decorrer da cena com pelo menos a camisa diferente que se escondia sob a cama.

TESEU: Hoje faz três meses que o Moisés... Eliandra quer ter um filho.

JULIANO: E tu?

TESEU: Eu não sei. Eu não quero. Ela quer.

JULIANO: Ela quer. Ela quer te enganar. Quer te prender.

TESEU: Ela é minha esposa.

JULIANO: Tu nem a ama.

TESEU: Mas casei com ela.

JULIANO: Não faça isso, Teseu! Se o fizer, tudo volta a ser como era antes.

TESEU: Mas ela me exige.

JULIANO: Então seja homem, seja homem para abandoná-la.

TESEU: Eu não consigo. Eu prometi que vivia ao lado dela, até à morte.

JULIANO: Promessas são feitas para que possamos quebrá-las, Teseu, não seja tolo.

TESEU: Minhas promessas são feitas para que sejam cumpridas, Juliano, tu me conhece.

JULIANO: E o que tu me prometeu?, como é que fica então?
Disse “me espera, me espera que eu volto”, disse, disse sim, tu o lembra?, ou te esqueceu?

TESEU: Lembro, mas...

JULIANO: Eu te esperei, Teseu. Cumpre a tua promessa então, volta pra mim.

TESEU: Estou contigo.

JULIANO: E com Eliandra também, não é?

TESEU: Disse que ficaria com ela, até à morte, disse, até à morte.

JULIANO: Até à morte? Então mate-a!

TESEU: Está louco?!

JULIANO: Minha loucura tem teu nome, Teseu.

TESEU: Eu não mataria uma mosca e tu sabe disso, muito menos minha esposa. É absurdo!

JULIANO: Tu não. Mas eu mataria. Eu mato, Teseu. Mato Eliandra.

TESEU: Não mata, não mata ninguém não.

JULIANO: Mato. Mato sim. Tu não me conhece.

TESEU: Não fale assim, Juliano.

JULIANO: Falo. Falo porque eu mato. É só tu dizer.

TESEU: Mata. Mata como, Juliano?

JULIANO: Veja. (*Pega na gaveta de um dos bidês um revólver*).

TESEU: Quando comprou uma arma?

JULIANO: Depois que tu foi. Me senti desprotegido. Me sentia só e com medo.

TESEU: E mataria...?

JULIANO: Aqui. Aqui. Tu a conduz para cá. No meu apartamento. Dou-lhe um tiro e...

TESEU: Sim. Aqui. Dá-lhe um tiro. E os vizinhos? Chamariam a polícia logo ouvissem o disparo.

JULIANO: Não. Esqueça a arma. (*Volta a arma ao bidê*). Fazemos diferente. Ela não tem algum compromisso dela, dela sozinha, sem tu?

TESEU: Irá a uma reunião entre mulheres na casa da Marcela, na quarta-feira, na semana que vem se não me engano.

JULIANO: Pois bem. Na quarta-feira. Ela irá sem tu, estará sozinha. Irá com o carro, suponho.

TESEU: Sim, irá.

JULIANO: E tu dirá que fica em casa. Depois... depois dirá a ela que venha aqui, e então... Que horas deixará a casa de Marcela?

TESEU: Costumam fazer essas reuniões... Acho que umas onze horas ou mais...

JULIANO: Tu diz a ela que venha até aqui buscar...

TESEU: Um projeto?

JULIANO: Um projeto, que tu esquecerá aqui. Tu precisará dele na quinta-feira, então por isso...

TESEU: Mas pense, homem, todos então saberiam que ela vem aqui.

JULIANO: Então tu sairá de casa. Dirá que irá para um lugar qualquer... E irá. Ela o levará, porque não ficará sozinho em casa. Mas logo o deixe, tu virá aqui. Ela não saberá. Então tu dirá a ela que te ligue logo ela sair da casa da Marcela pra que tu volte pra casa junto dela, pra tu saber que está voltando...

TESEU: Então daí digo a ela que venha buscar o projeto aqui antes que me pegue e...

JULIANO: Exatamente. Minha casa fica a caminho. Tu esteja em qualquer lugar que não seja a caminho também. Ninguém o saberá então.

TESEU: E depois?

JULIANO: Tu não faz nada. Eu faço. Estrangulo-a. Estrangulo-a, e tu estará escondido. Tu não faz nada. Se a estrangulo ela não pode gritar, e ninguém saberá. Faço cuma corda ou qualquer coisa assim. Estrangulo Eliandra. Depois esperamos a madrugada. 3 ou 4 horas levamos ela ao carro, ninguém saberá, a essas horas estão todos dormindo aqui no condomínio. A levamos ao carro e eu pensarei como fazer com o corpo. Pensarei.

TESEU: Mas há um problema, Juliano. O nosso carro. Virá de carro, deixará ele às portas do condomínio.

JULIANO: Sim, o carro. Não havia pensado no carro. (*Uns instantes meditativo*). Mas é claro! O carro. O carro e Eliandra. Ambos terão um mesmo destino.

TESEU: Um acidente!

JULIANO: Na Rodovia dos Ourives, a estrada da morte, próximo à pedreira. Lá muitos morreram. O despenhadeiro tem mais de cem metros de queda, digamos livre. É a morte, sem questionamentos.

TESEU: Mas que Eliandra faria passando naquela estrada àquelas horas, qual é o argumento pra isso?

JULIANO: Tu dirá a ela que te leve ao Bar Esperança, sob qualquer desculpa corriqueira, fica ao fim da rodovia, o caminho mais próximo pra ela te buscar, pois ela viria aqui, pegaria a Avenida das Camélias, a Rodovia dos Ourives, e encontraria o seu destino.

TESEU: Mas como faríamos...

JULIANO: Na noite, aquele lugar é desolado, um ou outro carro que passa por lá. É só deslizar o carro, vamos os dois, eu com ela no meu, tu co teu próprio, que estará às portas. É só deslizar o carro então com ela no volante e não haverá suspeitas de que na noite se perdeu e caiu para a morte. Nenhum vestígio. Descemos o corpo à garagem, ao meu carro, descemos oculto, logo após eu o faça, e te levo então ao bar onde tu estará esperando por ela.

TESEU: Isso é diabólico, Juliano.

JULIANO: Isso é necessário. Tu não faz nada.

TESEU: Não sei.

JULIANO: Pensa. Pensa e decide tu. Mas é tua única saída.

TESEU: E se acontecer algo? E se formos presos?

JULIANO: Não haverá testemunhas. Não haverá suspeitas. Ninguém desconfiará de ti. Tu a estará esperando, e ela não virá. Tu ligará à Marcela. Voltará para casa então. Ligará a todos os lugares em que ela poderia estar, ela não estará. Tu acionará a polícia então, e é isso.

TESEU: Mas que álibi tenho pra confirmar que estava no bar nesse enquanto?

JULIANO: Não tem álibi. Tu estará antes, sairá por qualquer assunto pendente que fará questão de deixar-lhes claro, e logo em seguida voltará, co teu copo posto, não importa a demora. Ninguém dirá que foi tu, tu sabe.

TESEU: E se nos pegarem?

JULIANO: Não te preocupe, Teseu, o plano é infalível.

TESEU: E como venho até aqui, se vou estar do outro lado da cidade?

JULIANO: Eu te pego, às escondidas.

TESEU: Mas é perigoso.

JULIANO: Não é. Tudo sairá bem. Não te preocupe.

TESEU: Não sei.

JULIANO: Tu quer. Tu quer. Eu sei que tu quer. Tu não mata. Eu mato.

TESEU: Mas isso não é certo.

JULIANO: Nada é certo. Tu mesmo o disse, Teseu, nada é certo.

TESEU: Mas... Pensarei então.

JULIANO: Pense. Pense sim. Tu não mata, eu mato.

TESEU: E se...

JULIANO: E se nada. É a única maneira.

TESEU (*absorto*): É a única maneira.

JULIANO: Tu me ama. É comigo que tu tem que ficar.

TESEU: Pensarei. Pensarei no assunto, mas... Bem. (*Vai até Juliano na cama para dar-lhe um beijo*). Tenho de ir agora.

JULIANO: Vai.

Vai sair e se volta.

TESEU (*absorto*): Até à morte, eu disse. Até à morte foi minha promessa. No entanto...

JULIANO: Tu me ama, Teseu, tu decide como é que tudo isso termina. Ou tu a abandona.

TESEU: Eu disse até à morte... Disse. Disse assim.

JULIANO: Até à morte, Teseu.

Sai absolutamente absorto.

JULIANO: Tu, Teseu, tu decide. Tu decide... Eu mato.

Sai Juliano enrolado em lençóis.

Cena XI

Entra uma camareira com lençóis vermelhos para arrumar a cama. Põe-nos sobre ela ou ao chão e vai fazendo o serviço enquanto fala.

CAMAREIRA: Quarta-feira. (*Bufa*). Dia mais chato da semana. Chato sim, que eu não tenho namorado. Se tivesse ia ser bom, que quarta-feira se namora. Se eu tivesse namorado, eu queria que todo dia fosse mesmo quarta-feira. Mas eu não tenho namorado. Eu não tenho, não tenho, não tenho! Por que eu não tenho namorado?, todo mundo tem, só eu, só eu que vivo aí sozinha sem ninguém. Olha a cama! De-sar-ru-ma-da... Devem ter feito loucuras essa noite. Loucuras! Na cama! Fizeram! Só o diabo contaria as loucuras de uma cama desarrumada. Só o diabo! Porque o Juliano tem namorado. O Juliano é bicha e tem namorado. Eu que sou mulher eu não arrumo. É essas bicha, é elas sim, rouba os home das mulher. Culpa deles tô sozinha! Bicha! Bicha! Bicha! Bicha! Se eu tivesse um namorado, eu ia dançar pra ele...

Vira-se de costas para o público preparando-se para então virar-se sensualmente sob música (de bordel antigo talvez) e dançar interagindo com os lençóis vermelhos que trouxera, desarrumando a cama se arrumada. Finda a dança e/ou a música ela volta ao trabalho em arrumar a cama e levar as roupas ao chão.

CAMAREIRA: Mas eu não tenho namorado. Minha vida é arrumar cama pra que os outros desarrumem. Todo dia é a mesma coisa, a vida é chata, não acontece nada, e eu não arrumo namorado. Não arrumo, não arrumo! Se eu

tivesse um namorado, ia ser diferente, ia ser um furacão a minha vida, todo dia uma loucura, e eu louca, louca, louca! (*Bufa*). Mas eu não tenho namorado. Quarta-feira é tudo igual, não é o meu dia, não é mesmo. Se eu fosse presidente, tirava a quarta-feira do calendário, e não tinha mais namoro, acabava co namoro. (*Cama feita*) Perfeito. Tudo arrumado. (*Risinho malicioso*). Mas eu não tenho namorado. Não tenho! Não tenho! É essas bicha! Toma os home da gente! É elas sim! É elas! Eu odeio o Juliano!

Bufa e sai levando os lençóis sujos que ficassem e também as roupas deixadas ao chão.

Cena XII

Entram Juliano e Teseu a par um do outro.

TESEU: (*Olhando o relógio*) São 11:15. Eliandra agora já deve... (*Toca o celular de Teseu. Ele olha o visor*) É ela. (*Atende*) Li! ... Mas já tá na estrada? ... Tá? ... Li! Eu precisava dum favor teu que eu esqueci de te dizer. ... Tu não passava no Juliano? ... É que eu deixei um projeto lá e precisava dele pra amanhã, sem falta. ... Ele dorme tarde, tu sabe. ... Não, ele sabe qual, é só tu passar aqui e... ... Não. Eu... Eu disse aqui? Eu quis dizer é... Passa lá. Passa lá por mim, passa, Li? É só ir lá e pegar. ... Tá. ... Ora, aqui mesmo. Estou aqui, quando tu chegar, eu sei que tu não gosta de descer aqui no bar, quando tu chega então me liga e eu vou até no carro. ... Tá. ... Até. ... Te amo. (*Desliga o celular. Para Juliano*) Eu não sei, Juliano. Eu tô cum remorso esquisito aqui no peito e...

JULIANO: Te acalma. Remorso nenhum, Teseu. Tu não faz nada, eu faço.

TESEU: Mas eu não sei.

JULIANO: Não é hora pra fraquejar.

TESEU: É tempo da gente desistir.

JULIANO: Quer desistir?

TESEU: Eu tenho medo.

JULIANO: Medo nenhum, Teseu.

Tempo.

TESEU: Eu vou ao banheiro.

Sai. Juliano toma a corda ou o aparato que usará para estrangular Eliandra. Estica-a frente a seus olhos como testando resistência.

JULIANO: Longo. Longo. Longo demais. (*Ensaia*). Um pouco menor, eu acho. Um pouco menor seria bom. Seria mais... (*ensaia*) exato.

Vai até um dos bidês e pega na gaveta uma tesoura. Vai à boca de cena, centros do palco, ali corta um pedaço da corda como a medisse segurando as duas extremidades, a que corta fora e a que leva, com uma mão, dobrando-a, e a tesoura na outra. Cortado. Entra num repente Rodrigo dando um forte susto em Juliano quando gritando-lhe o nome espeloteado, ao que Juliano derruba ali mesmo, à boca de cena, a tesoura quase aos pés e arremessando para um lado os pedaços da corda.

RODRIGO: Juliano, Julianinhô! Meu querido!

JULIANO: Tu quer me matar? Tu quer me matar, sua bicha estroncha!

RODRIGO: Ué?

JULIANO: Que liberdade tu tem de chegar desse jeito e!

RODRIGO: Ai... ...Pra que a corda?

JULIANO: A corda?... (*Ajunta a corda do chão*) Pra quê? Pra...
Não te interessa, Rodrigo, vaza que eu tenho uns
assuntos a resolver e tu tá me estrovando...

RODRIGO: Mas eu tinha de te pedir um negócio.

JULIANO: Depois, Rodrigo, depois.

RODRIGO: Tem que ser agora.

JULIANO: O que é?

RODRIGO: Eu precisava um dinheiro, um dinheiro
emprestado.

JULIANO: Tu sabe que eu não uso emprestar dinh...

RODRIGO: Mas eu preciso, Julianinhô! Nossa amizade! É só
cemzinho, até a semana que vem, te juro. Mas preciso
hoje.

JULIANO: Pra quê?

RODRIGO: É que eu...

JULIANO: Não. Não quero saber pra quê! (*Pega e dá-lhe cem
reais da carteira que está no bidê também, abandonando a
corda sobre a cama*) Toma! Agora vai!

RODRIGO: Mas você não quer saber...

JULIANO: Vai, Rodrigo, vai que eu tenho mais o que fazer!

Vai empurrando ele porta afora.

RODRIGO: Tá bom, tá bom, tô indo...

Sai. Entra Teseu.

TESEU: Quem era?

JULIANO: O Rodrigo me pedindo dinheiro de novo.

TESEU: Ele desconfiou?

JULIANO: Desconfiaria por que, Teseu? Não te preocupa, meu, ninguém sabe nada, ninguém nem saberá, nunca.

TESEU: Mas como tu vai fazer quando...?

Campainha.

JULIANO: Te esconde, Teseu, te esconde agora, é Eliandra.

Juliano a recebe na porta.

ELIANDRA: Teseu te disse que eu viria?...

JULIANO: Disse! Disse sim! Entra, Eliandra.

ELIANDRA: Não, tenho pressa, ele está no Bar Esperança cos amigos, tá me esperando lá. Eu disse que passava aqui e ia buscá-lo.

JULIANO: Mas pelo menos entre pra que eu possa buscar o projeto.

ELIANDRA: Claro.

Sai. Eliandra espera. Volta.

JULIANO: Esqueci onde o pus. Me ajude a procurá-lo. Deve estar por aqui mesmo, um cone preto, tu sabe... Procure ali, Eliandra.

Ele aponta à boca de cena, nos próximos da tesoura. Eliandra vai até ali e como se põe procurar como em qualquer cômodo, uma estante ou qualquer coisa que não existe senão imaginário. Juliano toma a corda e avança. Ela se volta para ele, ao que ele disfarça.

ELIANDRA: Não está aqui.

JULIANO: Procure. Procure melhor. Está aqui em algum lugar. Olhou nas gavetas de baixo?

Ela se curva em procurar. Juliano chega às suas costas, levanta a corda com as duas mãos esticando-a, então passa-lhe no pescoço e começa o estrangulamento. Ela reluta. Os dois lutam. Ela vê a tesoura e tenta alcançá-la mas não o pode. Então ela consegue dar-lhe um pontapé no saco. Ele a solta com dor. Ela toma a tesoura no chão e lhe crava na barriga, rapidamente, não soltando-a à tesoura da mão. Ele afasta e cai no chão aos pés da cama voltado para cima com o ferimento. Eliandra vai até ele, estende a tesoura ao alto para cravar-lhe no peito. Teseu, que estava escondido espiando, entrara

correndo e tomara a arma guardada no bidê, e quando então ela vai cravar a tesoura, dispara um tiro que a tomba de costas. Agonizando, ela se empurra com as pernas para trás, seguindo à boca de cena. Ela vira que fôra Teseu.

ELIANDRA (*agonizando*): Desgraçado. Eu te amava. Eu te amava.

Morre. Teseu vai até Juliano.

TESEU: Como está, Juliano?

JULIANO (*com dor*): Nada não. Não preocupa. Acho que foi superficial.

Começa a levantar sentando-se.

TESEU: O que fazemos agora?

Pega a arma da mão de Teseu.

JULIANO (*Levantando-se em pé*): Eu acho que terei de ir ao médico.

Teseu, em silêncio atormentado, vai até uma das extremidades laterais da cama e se senta. Juliano fica imóvel, com dor, pensativo. Vai então sentar-se na extremidade lateral da cama contrária a de Teseu, às costas dele, meditativo. Silêncio.

TESEU: Os vizinhos...

JULIANO: ...ouviram o disparo.

TESEU: Logo a polícia virá.

JULIANO: Virá.

TESEU: Seremos presos.

Silêncio.

TESEU: Eu não queria ir pra cadeia. Eu não podia. Eu...

Silêncio.

JULIANO: Morre comigo!

TESEU: Morrer... Morrer não purga a nossa alma e não sana esse pecado...

JULIANO: Morre comigo, Teseu! Morre comigo!

TESEU: Deve haver uma saída, deve haver.

JULIANO: Morre comigo, Teseu, morre! Se tu morre comigo a gente não separa. Existe uma alma, existe o amor pra depois de tudo, existe, eu sei. Morre comigo, Teseu!

Silêncio.

TESEU: Como?

JULIANO: A arma.

TESEU: A arma... Não cometeria o suicídio, eu não...

JULIANO (*insinuante pausando a fala*): Morre comigo, Teseu!

Silêncio.

TESEU: Eu nunca pensei que fosse capaz de... Só uma coisa, Juliano. Tu... (*toma fôlego*) Tu que matou meu filho?

JULIANO: Não. Não. Contratei o assassino.

TESEU: (*Dói-lhe*) Mas eu não consigo te odiar. Sei só te amar. Só te amar. (*Silêncio*). Tu me mata?

Silêncio.

JULIANO: É que eu te amo... (*Volta a face para Teseu às suas costas*) Amo-te a ponto de matar.

Os dois sobem sobre a cama procurando-se para um beijo, de joelhos. Beijam-se, e Juliano, com a arma no ventre de Teseu, dá-lhe um tiro. Ele cai sobre a cama mas não morre. Juliano, em desespero, dá-lhe outro tiro no peito. Morre.

JULIANO (*acariciando Teseu*): Meu amor, Teseu. Meu amor. Meu amor é maior que tudo. É maior que Deus. Maior que eu, Teseu, é maior que tudo!

A luz cai. Trevas. Mata-se com um tiro na cabeça, do qual a pólvora que alumia a cena de suicídio. Silêncio. Sirenes de polícia. Talvez umas luzes vermelhas possam alumiar o palco em piscadelas, rotativas. Música.

amo-te a ponto de matar

andré boniatti

2011

102